

A Sagrada Família

Vitor de Athayde Couto *

Karl chamava *sagrada família* aos irmãos Bauer, de Eisenberg. Apesar do nome, os Bauer nunca foram camponeses, posto que dava muito trabalho escrever com a charrua.

No mundo ocidental-cristão não é raro confundir-se família *sans rien d'autre* com o sagrado modelo Jesus-Maria-José. Apesar da fórmula trinitária, havia muito mais prole do que se divulga - e nem por isso menos sagrada - na Carpintaria de Nazaré: Tiago, Lísia, José (o filho), Judas, Simão, Lídia, Justo e Samuel.

Escreveu José (o Saramago) que entre os bens de José (o pai) e os bens de Jacob:

"a única semelhança que ainda assim podia encontrar-se era no número de filhos, sete filhos e três filhas tivera Jacob, sete filhos e duas filhas tinha José, levando o carpinteiro a vantagem de ter posto menos uma mulher no mundo. Mas Jacob, antes de Deus lhe ter duplicado os bens, já era proprietário de sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas, sem contar os escravos em quantidade, e José tem aquele burro que conhecemos e nada mais. Como os ganhos de José não davam para admitir pessoal ao seu serviço, o recurso natural estava nos filhos, por assim dizer, à mão de semear, aliás, também por uma simples obrigação de pai, pois já lá diz o Talmude, Do mesmo modo que é obrigatório alimentar os filhos, também é obrigatório ensinar-lhes uma profissão manual, porque não o fazer será o mesmo que tornar o filho num bandido."

Assim foi mantida a velha fórmula pai-mãe-filhos. Com o passar do tempo, certamente alguém, tal qual o Talmude, estabeleceu que criança sem fórmula fica desajustada. Fora do *círculo familiar* ela torna-se problemática, violenta, ganha a rua enfim, vira bandido. É como se encontram, no Brasil, incontáveis crianças e adolescentes, filhos do matriarcado:⁽¹⁾ fora da fórmula, isto é, sem o pai biológico presente, sem um pai nutrício, sem referência, proteção, segurança etc. Em resumo, sem pão nem *círculo*, na rua, ameaçados e ameaçadores da *pax brasiliense*.

Ocorre que até mesmo na *família modelo* fica difícil entender essa história de pai biológico, porquanto não se sabe direito qual o verdadeiro papel de José (o pai nutrício) a partir do momento em que Deus misturou a sua semente com a dele... Afinal de contas, quem é mesmo o pai de Jesus? Com essa dúvida, o

menino-adolescente ganha o mundo, adota um *pai de rua* (o demônio, disfarçado de pastor) e vira bandido, do ponto de vista da *pax romana*. Mas Jesus nunca perde a referência dos seus primeiros doze anos vinculados ao modelo J-M-J. Bom filho, guarda o Segredo até a sua hora e à casa não volta, nunca mais. Entretanto, permanece-lhe a questão, pelo menos, até a derradeira ceia:

- O que é família?

Como sempre, existem mil possibilidades que podem levar (ou não) à compreensão do que seja família. Para Jesus, a primeira e a mais forte delas é, sem dúvida, o Segredo anunciado e compartilhado apenas com a mãe, porquanto o pai da terra é sempre o último a saber o que o pai do céu anda aprontando. É que o mistério foi comunicado em *casa*, espécie de materialização do *lar* que representa a família. A anunciação não aconteceu nas ruas, na sinagoga, no barco do lago piscoso, tampouco no mercado. Nem mesmo no ateliê anexo que, aliás, é apenas a *quarta* possibilidade para Jesus: a família é a Carpintaria enquanto unidade de produção que sustenta os seus membros pelo trabalho.

Restam ainda a segunda e terceira possibilidades, em ordem de importância: o Fogo e o Sangue. Na dúvida, o argumento parental consanguíneo da família vem depois do Fogo, visto que ninguém sabe se o Sangue de Jesus é o mesmo que circula nas veias de seus oito irmãos, cujas sementes - embora sagradas e sempre inoculadas por José, convém deixar claro - talvez não tenham sido misturadas com as de Deus...

O Fogo⁽²⁾ aquece, aconchega e separa o cru do cozido. O Fogo identifica, une e reúne o grupo familiar pelo tempero de Maria, nas primeiras ceias, servindo de referência para todo o mundo exterior. O Fogo da tenda e do caravançarai representa famílias e famílias, cada uma ao seu modo de ser. O Fogo é também a unidade estatística para os censos demográficos e para a cobrança de impostos.⁽³⁾ A partir da idéia do Fogo, Jesus deparou-se com o *bo* e começou a reformular a sua idéia de família, até então fundada no modelo J-M-J, da primeira infância do conhecimento. O *bo* é uma das inúmeras modalidades fogais⁽⁴⁾ de cooperação e de organização coletiva do trabalho. A sua base de recrutamento repousa sobre as diversas formas de parentesco, alianças, vizinhança e se estende a todos os aliados pelo casamento (*voli*). De origem uterocêntrica, o *voli* é o *bo* que reúne o maior

número de indivíduos. Meillassoux (1964) encontrou, contemporaneamente, heranças dessa forma de organização entre os Guro, na Costa do Marfim, e identificou diversas combinações de recrutamento. Os homens Guro convocam os seus parentes, parentes das esposas dos filhos, parentes das próprias esposas, parentes de suas mães, dos esposos ou mesmo os noivos de suas irmãs e filhas. Quase não existe diferença entre os parentes uterinos e os afins. Normalmente, os noivos, querendo impressionar o futuro sogro, fazem-se acompanhar de outros parentes e amigos da sua aldeia, para ajudarem no trabalho comunitário.

Rever o *lar* (aura da casa) e mais quatro possibilidades, tudo isso ajuda a compreender família, pela ordem de importância: família é Segredo, Fogo, Sangue e... Carpintaria. É só a partir desta última possibilidade que os economistas racionalistas (do ponto de vista do método, cf. Weber, 1971) consideram família como unidade produtiva e de consumo, no modelo F-E-G, baseado na circulação do sangue, desde a sua descoberta, no século XIX. Famílias-Empresas-Governos, somados ao mundo exterior, formam outro modelo e assim por diante, formam-se novas identidades, bastando que se lhes acrescentem outros mecanismos de ajuste a exemplo de salários, juros e câmbio, ditos macroeconômicos. Enquanto a *modelagem* cria *ex-culturas* de séculos pretéritos, economistas menos ortodoxos em relação àquela técnica começam a levantar uma questão de fundo na qual a família aparece como gestora de algo que eles, felizmente, hesitam chamar *capital*. Trata-se de uma espécie de *patrimônio familiar* formado por uma fração material (terrenos, imóveis, instalações, instrumentos de trabalho, semoventes etc.), valores desmaterializados (dinheiro, seguros, contratos, serviços etc.) e, finalmente, uma fração que, embora seja imaterial, é imprescindível à existência do grupo familiar (parentesco, vizinhança, cultura, solidariedade,

religião, memória, identidade, costumes, direitos, normas de conduta e, no limite da consciência, o sagrado Segredo).

Segredo e quatro paredes encontram-se na arquitetura que exprime as possibilidades econômicas e as exigências psicológicas dos indivíduos e dos grupos em determinado momento da sua história. Isso é tão importante que o próprio poder político (sob a égide de planejamentos ditos urbanístico, habitacional, familiar etc.) controla ou modifica os materiais, o ordenamento e as funções da habitação visando, com isso, assegurar a dominação. Assim, a oposição entre a casa e o mundo exterior, entre a vida privada e a vida pública, entre o "Segredo da Noite" (Bourdieu, 1972:52) e a luz do dia é, ao mesmo tempo, verdadeira e falsa como o feminino e o masculino, a noite e o dia, o Fogo e a água etc., porquanto o primeiro termo dessas oposições se divide e redivide sempre em si mesmo e no seu oposto: "...no limite, a casa se divide, ela própria, segundo os mesmos princípios que a opõem ao mundo exterior." (id.).

A Carpintaria é apenas o cenário do trabalho necessário, socialmente necessário, enquanto o Fogo é tudo. O Fogo está em toda parte, na cozinha, na festa, no velório, no leito, no leite, no ventre maternos. A propósito do Fogo, Bachelard (1986) lembra que é na alegria e não no trabalho que o homem descobriu o seu espírito. A conquista do *supérfluo* provoca uma excitação espiritual maior do que a conquista do *necessário*. O homem é uma criação do desejo, o que recoloca em questão o princípio da utilidade, por oposição a necessidade.

Apesar do mercado estar cada vez mais abarrotado de mercadorias supérfluas, nem todo supérfluo é passível de tornar-se mercadoria. Talvez esteja aí a grande limitação do capitalismo, ainda não revelada, nem mesmo em sociedades de consumo mais avançadas como o Japão.⁽⁵⁾ O desejo que move as famílias é sem limites enquanto algumas necessidades podem ser satisfeitas, até mesmo pelo mercado. Só a eliminação do desejo pode pretender-se única possibilidade de felicidade. Não desejo, logo, sou feliz.

O próprio Karl (1974), ao referir-se à acumulação primitiva (processo crucial de separação dos trabalhadores e seus meios de produção, sobretudo camponeses), chamava os novos proletários de pessoas "sans feu ni lieu", mantendo a expressão em francês no texto original.⁽⁶⁾

É justamente na agricultura - e mesmo nas sociedades mais desenvolvidas - que a família⁽⁷⁾ resiste, contrariando Karl (1974). Este previa que, entre os di-

Apesar do mercado estar cada vez mais abarrotado de mercadorias supérfluas, nem todo supérfluo é passível de tornar-se mercadoria. Talvez esteja aí a grande limitação do capitalismo.

versos campos da atividade humana, a grande indústria atua de forma mais violenta e revolucionária no mundo agrícola, ora destruindo o camponês, ora separando-o da sua antiga sociedade, até substituí-lo pelo trabalhador assalariado. Em outra direção, Cépède (1964) afirma que o camponês resiste à sua transformação em assalariado. Nos Estados Unidos, por exemplo, apesar da evolução de uma economia tipicamente capitalista, existe apenas um trabalhador assalariado entre quatro pessoas ativas na agricultura e 96% das fazendas norte-americanas são familiares. Estas fornecem 80% da produção agrícola.

Esse incrível fenômeno fez surgir, nos Estados Unidos, novas correntes de pensamento, entre elas, a *new household economics*. Os seus teóricos privilegiavam a família como unidade de decisão econômica, mas não se interessam pela análise da gestão patrimonial, muito menos pelo seu lado imaterial. Surgem aí os conflitos entre a lógica produtivista e a lógica patrimonial. Mesmo os progressos legislativos ou regulamentares têm seus próprios limites pois as decisões familiares obedecem cada vez menos a motivos de natureza econômica ou jurídica. As relações entre o proprietário e sua família constituem um mis-

tério para o economista e para o jurista, parecendo desafiar qualquer análise racionalista.

Uma outra escola, surgida nos anos 70, em Chicago, considera a família como objeto pertinente de análise a partir da valorização do tempo correspondente ao não-trabalho e do que ela denomina *capital afetivo*, a relação afetiva com a terra, por exemplo (Becker revisitando Marshall, o Alfred).

O que antes era simples, parece desdobrar-se em novos simples e torna-se complexo. Kötter (1970), por exemplo, adverte que a relação existente entre ciência e política, no domínio das questões agrárias, é influenciada por dois fatores importantes: a profunda complexidade dos problemas e a extensão crescente das atividades do Estado nesse domínio. Espera-se que, no ambiente da terceira revolução industrial, os economistas comecem a rever o velho conceito de "setor produtivo" (o que não significa eliminá-lo *tout court*) e a considerar o processo de *desreificação* do capital, processo que já parecia claro em relação ao patrimônio familiar, principalmente quando análises menos ortodoxas recorriam à Sociologia e à Antropologia. ⁽⁶⁾

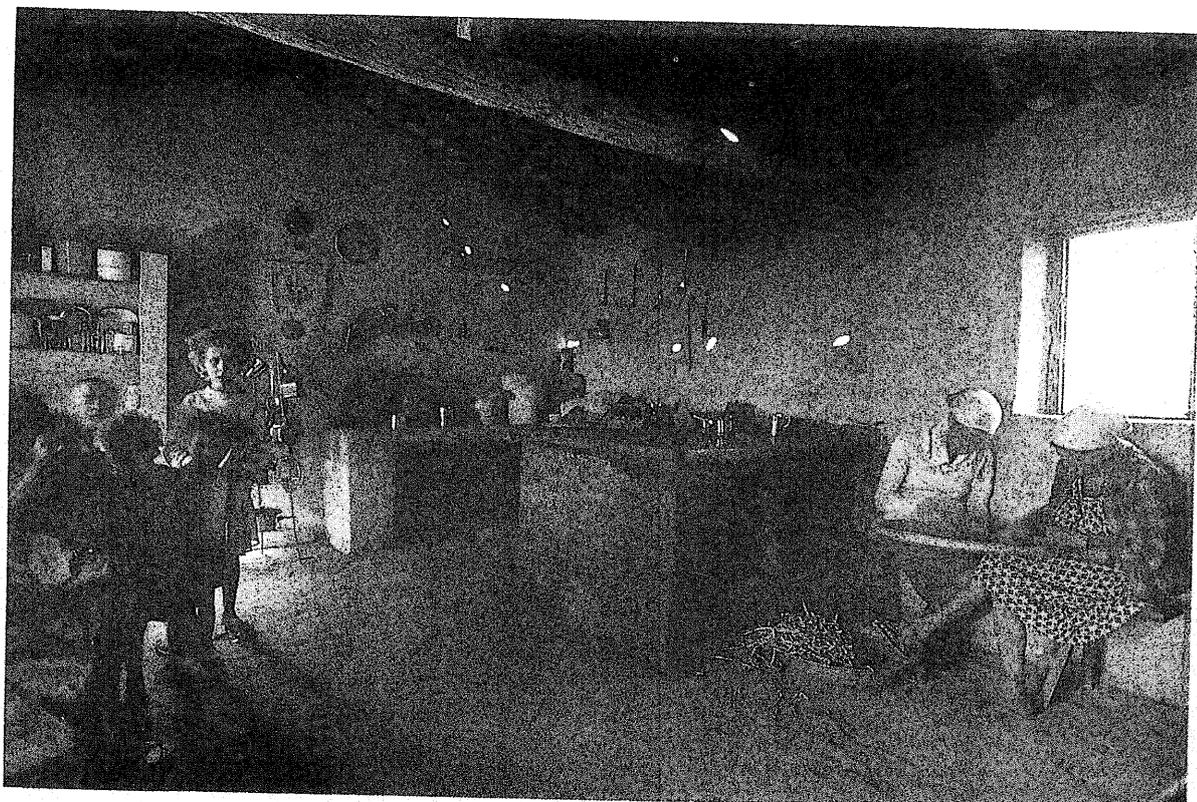


Foto Ieda Marques

As mulheres de Gericó

Aziz (1995), ao estudar o trabalho feminino na comunidade de Gericó, município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, constatou que a distribuição do tempo e das tarefas vai do dia pela noite (o mundo exterior por oposição à casa), do eito ao lento acalanto no berço imprevisível, mas sem sobressaltos. Até aí, nada demais, não fora a resistência das mulheres na luta pela terra sem dono e sem Estado. Não cabe esperar por um Estado ausente, ausência que confirma a sua indiferente e torturante presença. Tomando pelas mãos a organização e a luta, as mulheres de Gericó parecem ligar o poder nacional e a coletividade local por uma dependência indissociavelmente econômica e política. Segundo Linz (1970), a predominância de um ou de outro engendra tipos diferentes de sociedade e proporciona à comunidade rural uma identidade, em cada caso, específica, que vai da autonomia reivindicada à iniciativa expressa ou à apatia que deixa sempre a solução dos problemas para o Estado.

Cotejando áreas de assentamento desapropriadas e assistidas pelo Estado, com a desassistida comunidade de Gericó, Aziz (1995) encontra na ausência do serviço público uma das explicações para a maior vigilância e mobilização dos membros da comunidade; ao contrário da apatia e do paternalismo reivindicado das áreas desapropriadas e assistidas pelo Estado. Assistência não só financeira, mas também tecnológica, se comparada à situação anterior de organização econômica quase natural das estranhas famílias assentadas. Todavia, a maior causa dos problemas encontra-se na *forma* racionalista de assistência; enquanto na comunidade desassistida, todos os membros, se não são parentes, são amigos e vizinhos há pelo menos três décadas. Desenvolvem-se ali a união e a solidariedade, um considerável *capital afetivo*. A prestação de serviços recíprocos fundados na solidariedade entre parentes e vizinhos comprovadamente prestativos, o que existe fortemente entre famílias pobres, ainda surpreende as pessoas que a descobrem pela primeira vez. Na prática, o fato de serem vizinhos significa que, na necessidade, eles dependem uns dos outros, principalmente nos locais onde a técnica das comunicações é pouco desenvolvida. É dos vizinhos que vêm, naturalmente, as ajudas e o socorro, e a "vizinhança" é, sem dúvida, um componente de "fraternidade" (esta palavra tem mais um sentido prosaico e não patético, inspirando sobretudo uma ética econômica). Onde se desenvolvem as trocas, aplica-se o princípio: "Entre irmãos, não se comercia", o que afasta, na fixação dos pre-

ços, o "princípio racional do mercado" (Weber, 1971) e, com ele, os demais mecanismos de ajuste ditos macroeconômicos.

Não se pretende, todavia, negar a necessidade das políticas públicas, mas a sua forma racionalista. Dai os resultados terem sido invertidos, em relação às diferentes comunidades. É que o moderno e o tradicional são tão perniciosos para a pesquisa que eles tornam-se substantivos (Galjart, 1971). Para facilitar, costuma-se defini-los apenas pelos aspectos antitéticos e implícitos que se lhes atribuem; ora, se a modernidade é, por exemplo, a capacidade de renovar-se continuamente, isto não é também próprio de toda e qualquer tradição autêntica? Cada um dos dois termos - moderno e tradicional - mascara a existência de tipos muito diversos de agricultores que podem ser inovadores em certas áreas e resistentes em outras. O grande erro está em subestimar a *paixão* (Guigou, 1982, p.920) do agricultor pela terra, pela família, pela sua profissão. Com efeito, a valorização do patrimônio familiar pertence a uma categoria de mercado que "não é medida somente pelo que as coisas valem."⁽⁹⁾ O patrimônio familiar experimenta um valor simbólico que não tem equivalência monetária quantificável. "Nesse ponto, estamos enveredando no domínio da paixão." (Lévi-Strauss *apud* Guigou, 1982).

Quanto tempo dura uma paixão? Não se pode afirmar que esta seja a última geração de apaixonados pela terra. Das 25 mães entrevistadas em Gericó (*todas* elas trabalhando e vivendo diretamente da agricultura, com idades concentradas no intervalo de 30 a 40 anos), apenas *uma* ainda consegue fazer-se acompanhar da filha, quando vai trabalhar na roça. Na associação, todas as mães são unânimes em afirmar que "as jovens não se interessam pela agricultura, só querem saber da cidade". Embora o êxodo rural seja uma tendência confirmada em cada censo demográfico, tudo vai depender da possibilidade do Estado vir a implementar uma política agrícola de fortalecimento da agricultura familiar, com programas específicos para jovens agricultores, conforme proposta da FAO/INCRA (1994). No plano interno da comunidade, outros movimentos ainda podem operar em favor da fixação de futuras famílias como, por exemplo, os casamentos. Isso porque os jovens rapazes, quando ainda se interessam pela agricultura, pretendem continuar a profissão dos pais, porque as terras são consideradas de boa qualidade (massapê), numa região (Recôncavo) onde chove satisfatoriamente e valorizam-se também pela proximidade dos centros urbanos. Também não se pode pretender conclusões definitivas com base na expectativa das jovens adolescentes que ainda têm na comunidade dos parentes, vizi-

nhos e amigos, a sua referência maior. A esse respeito, vale a pena comparar a realidade de Gericó com a de outras comunidades da região sisaleira, no semi-árido baiano, uma realidade completamente diferente do Recôncavo.

Os velhos de Valente

Em recente pesquisa da FAO (1995), acompanhada e apoiada pelo Grupo de Pesquisa sobre Agricultura Familiar da UFBA, foi possível constatar um processo de envelhecimento dos agricultores da região sisaleira da Bahia provocado, sobretudo, pela falta de reposição de jovens agricultores. Apesar de estarem fortalecidos por um importante trabalho de cooperação, liderado pela sua associação, todos os 53 agricultores entrevistados⁽¹⁰⁾ afirmaram que não viam muito futuro na lavoura de sisal, não só por causa da crise, mas, principalmente, pelo desinteresse dos filhos em continuarem a exercer a profissão. Ciente do problema, a associação desenvolve um programa de fixação das famílias no campo, com iniciativas do tipo eletrificação fotovoltaica, acesso à televisão, crédito a longo prazo para modernização das atividades, construção de uma escola-família voltada para os problemas locais, dentre outras.

O êxodo dos jovens está desfigurando os sistemas agrários e de produção.⁽¹¹⁾ Em muitas comunidades predominam os idosos e crianças. Entre os idosos, encontram-se, além dos inválidos para o trabalho, pessoas aposentadas (homens e mulheres) e agricultores de subsistência (embora alguns ainda possuam pequenos campos de sisal, valor de troca), muito tradicionais, principalmente no que diz respeito às técnicas de produção. As crianças são os netos, muitas vezes deixados pelas filhas que retiraram ainda adolescentes e mães precoces. Estas nem sempre conseguem enviar dinheiro com regularidade, sendo as aposentadorias e pensões dos avós a principal garantia para a sua própria sobrevivência e das crianças. Além das pensões, ocorrem eventuais auxílios de políticas sociais, programas de emergência (secas) e outros mais eventuais, decorrentes de práticas eleitoreiras sertanejas.

O grupo de agricultores entrevistados é muito homogêneo no que se refere à origem, à idade e aos sistemas de produção praticados. Segundo a pesquisa da FAO (1995):

"muitos agricultores são originários de Valente e os demais vieram de outros municípios da MRH de Serrinha. Na verdade, a maioria dos entrevistados pertence a quatro grandes

famílias que demonstram grande solidariedade. As idades predominantes na amostra situam-se no intervalo entre 40 e 55 anos, sendo que seis chefes de família têm mais de 60 anos. Aqui, o termo família compreende também o grupo doméstico complexo, de várias gerações e parentes colaterais. A reprodução do grupo insere-se numa estratégia de sobrevivência que sempre incluiu as migrações. Estas se fazem segundo correntes, geralmente temporárias, que obedecem a fatores de expulsão (secas) e/ou de atração (possibilidade de emprego fora do seu município de origem). São raras as famílias com mais de três filhos ainda dependentes dos pais e não foram identificados casos de filhos adolescentes que ainda trabalhem na atividade agrícola com regularidade. A maioria deles estuda na cidade, lá morando ou frequentando a escola através de transporte público, um serviço prestado pela prefeitura municipal."

I.F.O. é um agricultor familiar da comunidade de Covas, município de Valente, no coração da região sisaleira da Bahia. Com menos de 40 tarefas de terra e mais de 50 anos de idade, tem sete filhos. Cinco deles (três homens e duas mulheres) são solteiros, com idade variando entre 11 e 20 anos. Os dois filhos casados e o filho solteiro mais velho, com 18 anos, trabalham na associação dos pequenos agricultores do município. Toda a família mora "na rua" (sede municipal) há mais de dez anos. Nenhum dos filhos fala em continuar a profissão de agricultor, pois o pai "vive se batendo na roça e não consegue viver direito". Esta mesma história foi repetida umas cinquenta vezes, pelos outros entrevistados.

Segundo Bergmann (1969), a exploração familiar é uma entidade social definida por uma simbiose entre a empresa e o lar; ela quase nunca é objeto de um estatuto jurídico preciso. Sua estrutura é muito diversificada, tanto no espaço quanto no tempo. Todavia, como estratégia de sobrevivência, a organização familiar surpreende, reafirmando sempre alguma originalidade, adaptável e adaptada a múltiplos sistemas econômicos. Talvez por isso os políticos sempre hesitem, ao mesmo tempo, entre mantê-la, destruí-la ou transformá-la.

Todavia, como estratégia de sobrevivência, a organização familiar surpreende, reafirmando sempre alguma originalidade, adaptável e adaptada a múltiplos sistemas econômicos.

Com o crescimento da indústria e das cidades, as sociedades emergentes experimentam efeitos de desestruturação e operam movimentos de reestruturação. As novas relações entre os homens e as técnicas, entre os grupos e os indivíduos subsistem a um sistema de relações pessoais à base de unidades sociais restritas, uma diferenciação e uma ampliação de relações mediadas por mercadorias (Balandier, 1971) que experimentam um permanente processo de desmaterialização.

O movimento de desestruturação atinge principalmente a família, sobretudo psicologicamente. É na estratégia quase desesperada de sobrevivência dos excluídos que os valores se adaptam, revelando solidez, reproduzindo-se ameaçadores da *pax* e dos planejadores familiares. *Capital afetivo* ou patrimônio invisível? É menos na Carpintaria do que no "Segredo da Noite" que a solidez opera.

Oliveira et Silva (1994) conseguiram desvelar o mistério da família num pequeno trecho à página 46 do seu relatório de pesquisa, onde são reveladas entrevistas com meninas prostitutas sertanejas do *pior serão*⁽¹²⁾ como no exemplo a seguir:

C.A.S., afirmando ter 17 anos, mas com aparência de 14, disse que veio para cá a convite de Dona X, para trabalhar em loja. "Ela prometeu emprego e disse que havia uma pensão onde eu poderia ficar e pagar quando recebesse o salário. Quando aqui cheguei, não havia loja nenhuma. Eu quis voltar, mas ela disse que eu só poderia fazer isso quando pagasse a passagem e a pensão. Aí eu fui ficando. Hoje, gosto do que faço. Dona X é uma mãe para mim. Ganho bem, dou sorte. Os homens gostam de ir para a cama comigo. Dona X ensinou-me como agradá-los. Aqui não vem qualquer pé rapado, não. Os homens que vêm aqui são ricos, podem pagar bebidas caras e o preço que a casa cobra. Tenho boas roupas, perfumes, enfeites e ainda mando dinheiro para a minha família." Perguntada se os pais sabiam que era prostituta, ela disse que não. Dona X, que estava próximo, retrucou: "Não sabem, vírgula, eles fingem que não sabem. Como é que você poderia mandar para eles tanto dinheiro, trabalhando em loja?"

São os Segredos da Noite, entre quatro paredes, no fundo das redes tapuiranas do linho de tucum, onde sonham os pais de C.A.S., na dúvida se ela também é filha de Deus... ou de Magdala.

Notas:

- 1 "O normal na marginalia é uma agressividade em que cada um procura arrancar o seu, seja de quem for. Não há família, mas meros acasalamentos eventuais. A vida se assenta numa unidade matricêntrica de mulheres que parem filhos de vários homens. Apesar de toda a miséria, essa heróica mãe defende

seus filhos e, ainda que com fome, arranja alguma coisa para pôr em suas bocas. Não tendo outro recurso, se junta a eles na exploração do lixo e na mendicância nas ruas das cidades. É incrível que o Brasil, que gosta tanto de falar de sua família cristã, não tenha olhos para ver e admirar essa mulher extraordinária em que se assenta toda a vida da gente pobre." (Ribeiro, 1995:205-206).

- 2 O *foyer*, no átrio; ou *focus*, do latim, no sentido de lar.
- 3 *Fogal* é um imposto que ainda hoje se paga, em Portugal, por cada casa ou fogo.
- 4 Mais precisamente unifogais (um só fogo), no sentido de uma só cozinha para atender a todos os membros do grupo ou família ampliada.
- 5 Nesse país, até as grandes corporações e conglomerados financeiros são verdadeiras *famílias*; e, no Brasil, consta que as formas *familiares* de gestão dos bancos têm dificultado fusões e aquisições como saída para a atual crise financeira... Eis aí um importante campo de estudo para a Sociologia das organizações, mais particularmente, das empresas.
- 6 Contemporaneamente, encontram-se as expressões "sans foi ni loi" (Sartre) e "sans toit ni loi" (Varda), devendo-se atentar para as palavras feu (fogo), toit (teto), lieu (local), foi (fé, crença) e loi (lei, costumes, normas de conduta). Na tradição portuguesa, à melhor tradução deve ser "sem eira (terra, terreno, lugar) nem beira (teto, água do telhado, beiral) *nem ramo de figueira*" em que esta última expressão simboliza, com extrema felicidade do provérbio, toda a parte imaterial.
- 7 Família enquanto unidade de gestão de um patrimônio, ao mesmo tempo materializado, desmaterializado e imaterial.
- 8 "Pressé de questions sur la famille, la propriété, le patrimoine etc., l'économiste fait appel à d'autres sciences humaines comme la sociologie, l'anthropologie ou la psychologie, en espérant qu'elles sauront apporter des réponses à certaines questions." (Guigou, 1982, p.880-881).
- 9 Lévi-Strauss, parafraseando Karl, pode-se dizer que a terra não tem valor, mas ela tem um preço porque tem um sentido. (Karl Marx *apud* Guigou, 1982, p.925).
- 10 Os 53 agricultores entrevistados correspondem à totalidade dos mutuários do fundo rotativo da cooperativa de Valente. Foram também incluídos os municípios de Queimadas e Santa Luz.
- 11 Nos conceitos de Groppo (1994) e Dufumier (1995).
- 12 Piauí, Ceará e Maranhão.

Referências Bibliográficas:

- AZIZ, C. *O trabalho da mulher rural no contexto da agricultura familiar: o caso da comunidade de Gericó, município de Santo Amaro da Purificação, Recôncavo Baiano*. Relatório de pesquisa. Grupo de Estudos sobre Agricultura Familiar. Salvador: UFBA, 1995.
- BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Maria Isabel Braga. Lisboa: Estúdios Cor, 1938 (Coleção Omega).
- BALANDIER, G. *Sens et puissance: les dynamiques sociales*. Paris: PUF, 1971.

- BECKER, G. *Altruism, Egoism and genetic fitness: Economics and sociology*, in *Journal of Economic Literature*, 1977.
- BERGMANN, T. *Der bäuerliche Familienbetrieb, Problematik und Entwicklungstendenzen*, in *Zeitschrift für Agrargeschichte und Agrarsoziologie*, 1969.
- BOURDIEU, P. *Esquisse d'une étude de la pratique*, precedido de *Trois études d'ethnologie kabyle*. Genebra: Droz, 1972.
- CÉPÈDE, M. *Aspects majeurs des transformations en agriculture*, in *Sociologia Ruralis* IV. Paris: PUF, 1964.
- DUFUMIER, J-M. *Sistema de producción y desarrollo agrícola en el tercer mundo*. Paris: Institut National Agronomique Paris-Grignon, 1995.
- FAO. *Pesquisa sobre agricultura familiar*. Versão preliminar do relatório Nordeste. Brasília: outubro de 1995, mimeo.
- FAO/INCRA. *Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável (segunda versão)*. Projeto UTF/BRA/036. Brasília: março de 1995.
- GALJART, B. *Rural development and sociological concepts: a critique*, in *Rural Sociology* 36, 1971.
- GROPPO, P. *Agrarian systems*. Roma: FAO, 1994.
- GUIGOU, J-L. *La rente foncière*. Paris, Economica, 1982.
- GUIGOU, J-L. *Le sol et l'espace, des énigmes pour les économistes*, in *Espace géographique*, n° 1. Paris, 1980.
- KARL MARX. *La sainte famille*. Paris: Ed. Sociales, 1979.
- KARL MARX. *Le capital*. Paris: Ed. Sociales, 1974.
- KÖTTER, H. *Ländliche Soziologie und praktische Politik*, in *Sociologia Ruralis* X. Paris: PUF, 1970.
- LÉVI-STRAUSS. *Le cru et le cuit*. Paris: Plon.
- LINZ, J. *Elites locales y cambio social en la Andalucía rural*, in *Estudio socio-económico de Andalucía*. Madrid: ENAP, 1970.
- LIPIETZ, A. *Le tribut foncier urbain*. Paris: Maspero, 1974.
- MEILLASSOUX, C. *Anthropologie économique des Gouro de Côte d'Ivoire: de l'économie de subsistance à l'agriculture commerciale*. Paris: La Haye/Mouton, 1964.
- OLIVEIRA, L.M.S.R. e SILVA, G.B. *"Modus vivendi" da menor de Juazeiro que vive na rua, na prostituição ou em situação permanente de risco*. Juazeiro: UNEB, 1994, mimeo.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SARAMAGO, J. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- TOPALOV, C. *Capital et propriété foncière*. Paris: Centre de Sociologie Urbaine, 1973.
- WEBER, M. *Economie et société*. Paris: Plon, 1971.

* Vitor de Athayde Couto é Consultor da FAO, Professor do Curso de Mestrado em Artes e da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, onde coordena o Grupo de Pesquisas sobre Agricultura Familiar, com apoio do PIBIC e do CNPq.